

O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

1.º DE MAIO DE 1848.

N.º 81

UMA VINGANÇA.

— Sois Francez, me disse D. Rafael, e por tanto curioso, deixae que vá buscar meu capote, e depois iremos dar umas voltas, quero mostrar-vos as bellezas de Saragoça. Conduzir-vos-hei ao Pilar á Sé, passaremos pela porta, e o passeio de S. Engracia até o Torero, onde admirareis a belleza de nosso canal. E' verdade que não estamos nem em Pariz, nem em Madrid continuou com emphase, espero todavia mostrar-vos que há cousas dignas de serem vistas n'esta velha capital dos reis de Aragão.

Sahimos, e oito dias depois ainda eu mal conhecia o inextricavel labyrintho pelo qual tive de acompanhar meu guia, que as ruas de Saragoça volteão, correm, serpenteião como um mal embarçado novello de linhas. Finalmente depois de haver dobrado vinte vezes os angulos irregulares dessas linhas achei-me em frente da Igreja de N. S. do Pilar, monumento extraordinario que apesar de sua mole imminente não deixa de ter graça, e alegria. Numerosas torres erguem a porfia do meio do telhado escuro suas cupulas verdes. em quanto que um vasto zimbório as cobre todas com seus largos flancos de sombra, e de magestade. A mescla de côres, a forma oriental do edificio, o brilho das cruzes que adornão cada uma

dessas cupulas, a união da arte mourisca ao pensamento catholico, tudo concorre para causar essa feliz surpresa que inspira um expectaculo nunca visto, uma graça a que não estamos acostumados

Apenas entrados levou-me D. Rafael ao Pilar, reliquia de Saragoça, o santo baluarte do Aragão, no qual a Virgem Maria Purissima dignou-se descançar quando baixou dos ceos em auxilio de seu povo para que derrotasse os Mouros. Em torno do sagrado pedestal afflue de continuo devota multidão. Para todo o bom Aragonez que entra em Saragoça é o primeiro negocio, e mais urgente ir rezar seu ro-zario aos pés da celeste rainha. Soldados e paisanos, cidadãos e camponezes, velhas, moças e meninças todas vem ajoelhar se sobre a lage santa, e outra bulha se não ouve que não seja o susurro das preces e o som das contas dos rosarios. Nunca notei mais devoto recolhimento em igreja hespanhola: mas tambem que magnificencia! Uma capella, como talhada no marmore, e tão leve que dir-se-hia sustentada pela mão milagrosa de Maria, columnas jonias, balaustradas de prata mossissa, e no fmdo em cima do altar radiante de luzes a Virgem Santissima, vestida de prata, coroada de ouro e gemmas, e repercutindo com seus olhos de diamantes o esplendor

das velles que incessantes ardem diante della. Que effeito não devem produzir tantos prestigios sobre um povo cuja devoção é algum tanto pagãa, e que recebe a fé mais pelos olhos do que pelo coração!

Ensoberbecido por ver minha admiração, D. Rafael, como digno hespanhol que era, não me poupou nem uma particularidade. Fez-me passar em revista objectos d'arte, e objectos preciosos de valor mais que sobejo para servir de garantia a avultados emprestimos. Em quanto tudo examinavamos, indicou-me com o dedo uma cavidade na abobada da nave. — Eis ahi disse-me, o lugar de uma bomba franceza, a unica que em 1808 veio cabir n'esta igreja. O povo acredita que a protecção da Virgem não consentiu que cabisse, que viesse esmagar a multidão que se lamentava e rezava no santo recinto. Suspenderão-a os frades na altura em que asseguração que parou, e durante todo o assedio nós a vimos essa massa de ferro, librando em cima de nossas cabeças signal evidente de que a Virgem estava com nosco. O milagre não é dos mais authenticos, continuou D. Rafael como para responder a um sorriso que manifestava minha incredulidade, mas certo é que serviu para dobrar a energia e a confiança do povo. D. Rafael era Christino, como toda a classe media da Hespanha, grande inimigo dos frades, e algum tanto philosophador; elle nao sabia se acreditava ou não em Deos, e no entanto tinha fé viva nos milagres de seu Pilar.

Em fim, dando por concluida nossa visita, iam-nos retirar, e elle erguia já a esteira de palha, que, como na Italia, serve de reposteiro à entrada das igrejas, quando de repente eu

o vi parar na attitude do respeito; vi ao mesmo tempo que entrava com passo vagaroso, e ar doentio acompanhada de uma criada vestida de preto, uma senhora, que escondia cuidadosamente a cara no veio de sua mantilha.

Tinhão se nesse rapido instante o semblante moreno, e as feições bem marcadas de meu guia revestido de notavel expressão de compassiva admiração. Quando a sra. se achou sufficientemente afastada, deixou elle cahir o reposteiro, e tomando-me pelo braço: — Sois feliz, me disse, acabaes de ver a mulher mais extraordinaria da Hespanha; voltemos ao Pilar talvez que possamos distinguir suas feições.

No entanto a dama que eu acompanhava com os olhos, tendo-se dirigido directamente, para uma pilastra que ficava á esquerda da Virgem, como para um lugar costumeado, ajoelhou-se, levantou o véo, tomou um livro de Horas que lhe deu a criada; e nós por detraz de uma columna que ficava em face tivemos tempo de contemplar a com todo o vagar. Era bella? que idade podia ter? Sua longa madeixa era loura, ou preta? Sua mantilha atraçoava ou não as graças aragonezas voluptuosas rivaes das graças andaluzes? Não o sei; não o vi; captiva-me os olhos um unico objecto.

Sim, no momento em que o ardor de minha curiosidade me fez lançar-lhe rapido a vista, achei realmente mãos de mulher vestidos de mulher — mas a cabeça era de marmore: sim de marmore; alvo era o rosto, alvissimos os labios, alvissimas palpebras rebaixadas occultavão-lhe os olhos um todo desmaiado, calmo immovel como o alabastro. Nesta carne enrigelada reinava a tranquillidade e a fé, e todavia não sei porque examinando com va-

gar essa tranquillidade tão triste, sentia ir-se commovendo a alma até estremecer até chorar.

Ella resava, e o movimento imperceptivel de seus labios era o signal unico que revelava a vida; nem um instante se erguerão seus olhos nem mesmo em suas preces para encararem essa Virgem cujo coração foi traspasado por sete espadas de dôr.

Há uma horrivel historia inscripta neste rosto, exclamei eu! — Horrivel é verdade, disse flegmaticamente D. Rafael, — E sabe-la-lheis por ventura? tornei-lhe com vivacidade. — Sei, e contar-vo-la-hei, respondeu-me, surrindo-se de minha impaciencia, mas não aqui; saiamos. — De bom grado, que temo que a perseverança de meus olhares tenha affligido essa infeliz. — Não o receeis; ella nem si quer vos vio, que para ninguem repara.

Entreí com D. Rafael em um bocequim; é o lugar em que de preferencia conversão os habitantes de Saragoça, fomo-nos sentar no canto o mais escuro, e nessa bella lingua castellhana, tão simples e tão harmoniosa contou-me elle a seguinte historia: — Na idade de 15 annos Luiza de V. era a moça mais formosa de Saragoça. Ainda que rodeiada das mais brilhantes homenagens ninguem tinha despertado a potencia de amar, que havia em seu coração e quando seu pai instou que aceitasse a mão do marquez de Milar homem riquissimo, mas de avançada idade, ella condescendeo com a vontade paterna feliz por poder dar prova de submissão de filha.

A morte do marquez deixou-a, na idade de 17 annos, herdeira de um bello titulo, e de uma fortuna con-

sideravel. A affluencia dos pretendentes começou de novo a importunala mas pouco durarão seus suspiros. Não sei porque ningnem se queixou e todos se affastarão.

Chegou todavia o instante em que esse coração insensivel devia receber a faisca animadora. Entre os estrangeiros que attrahe cada anno a reputação de nossas festas do Pillar achou-se um joven lord.

Cem de nossos mancebos erão mais bellos do que elle mas elle tinha esse typo inglez tão diverso do nosso; era instruido, espirituoso, elegante, mas sua elegancia não era a elegancia hespanhola. Suas ideas, seu modo de exprimi-las erão tão diversas dos nossos, que mal o entendiamos bem que fallasse todavia castelhano mui puro, alterado por esse tom estrangeiro que as senhoras achão tão engraçado. De muitas conquistou os affectos e com ellas divertio-se algum tempo, até que fallarão-lhe de Luiza; desejou vê-la, ficou della enamorado; e não sei com que philtro captivou-lhe o coração tão facilmente que dir-se-hia que ella o esperava. A insensivel moça sentio com delicias extender-se sua alma, como que duplicar-se: a vida era-lhe flor que desabroxava. Ella amava, e ingenua o confessou: taes são as damas hespanholas; quando amão, entre sentil-o e confessa-lo, vai a distancia unica do pensamento á palavra.

A felicidade de D. Arthur (com esse nome era conhecido o inglez nesta cidade) não foi misterio para niuguem. No impulso de sua paixão, a marquezia parecia fazer garbo de ostentalo. Nos passeios, nos bailes no theatro, nas partidas estava sem-

pre pendurada ao braço d'elle, como suspensa a suas palavras. Foi por algum tempo uma furia de commentarios de contumelias femininas: a marquezia nem se mostrava envergonhada, nem se cohibia. Mas seus amores tñhão um não sei que, tão terno, tão singelo e tão puro que todos se acostumaram a respeitá-lo como se fosse uma união consagrada e legitima. Havia 5 annos que durava essa felicidade; quando Fernando VII e sua corte vierão passar algum tempo em Saragoca.

Muito agradou a D. Arthus esse acontecimento que lhe prometia distracções e festas. Trez annos de duração haviam bastante resfriado seu amor; sua bocca achava ainda juras e promessas, mas não as dictava mais o coração. Entre as bellezas da corte uma moça de Sevilha, pela vivacidade de seus olhos, e por esses enlevos andaluzes atrahio-lhe a attenção: ella resistiu-lhe, e a resistencia e os obstaculos que ella oppunha, de um capricho fizeram uma paixão. Nada é mais prespicaz do que os olhos de uma amante; a marquezia sentio immediatamente que Arthus lhe era infiel. Occultando no entanto seus zelos, ella perscrutava-lhe todos os passos, e disfarçava quanto descobria. Einfim soube que o inglez se dispunha a fugir secretamente com sua nova amante. Em seu espirito germinação de prompto as mais extravagantes resoluções: a noite que passou foi tão cruel que ella não desejaria igual a seu maior inimigo. Ao amanhecer recebeu um bilhete do perfido: com termos cheios de ternura supplicava-lhe licença para vir jantar com ella: era um meio de que lançava mão afim de desviar suspei-

tas: tudo estava disposto para que partisse na noite seguinte: a marquezia conheceo que sua sorte estava decidida.

A' hora marcada D. Arthus entrou no palacio da marquezia: nem um criado encontrou, foi a marquezia quem veio recebe-lo. Elle ficou extasiado: nunca Luiza lhe havia parecido tão bella, todos os soccorros que a arte e o desejo de agradar podem ministrar a uma moça formosa, brilhavam, surrião, arredondavam-se em sua encantadora pessoa, seu vestido francez, as cores de seus atavios, seu penteado tudo havia sido combinado para dar realce à sua belleza e a sua graça: viva, mas comprimida commoção dava a seus olhos inexplicavel brilho e fazia sobresahir o azul de suas veias na fina e delicada pele de seu rosto. — Perdoae esta recepção, meu caro Arthus, disse-lhe ella: vosso bilhete causou-me surpresa, que o não esperava, a todos os meus criados dei licença para irem hoje a festa de . . . fiquei só com minha camarista. Mas suppiremos a essa falta, ajuntou com um tom meigo e capinhoso, e em quanto me tiverdes a vosso lado nunca vos faltará quem vos sirva.

Grças á marquezia, o jantar esteve alegre e animado, D. Arthus encantado não se cansava de excital-a, e de quivil-a. Ella patenteou então reconditos thesouros de jovialidade e de delicadeza: Arthus sentia que se ateavão, se n o em seu coração, ao menos em sua cabeça algumas faiscas de seu antigo amor. Mais de uma vez elle achou-se triste e descontente: pa vespera de sua perfidia teria querido vel a meenos alegre e meenos feliz.

Depois do jantar, já com seus carinhos, já com seus folguedos, ella o foi levando insensivelmente para fora do salão, e insensivelmente acharam-se no jardim perto de um banco de pedra em que costumavam sentar-se. O inglez não pôde resistir a tantos attrativos, elle tinha recuperado tolo o seu amor: sua linguagem era terna a da marquezza chasqueadora: elle procurou abraça-la ella fugio-lhe leve como um passaro.

— Um beijo, Luiza, dizia Arthus correndo atraz della. — Não quero d'ello e contra vossos ataques serve-me de abrigo este banco. — Esse banco? disse Arthus e dando um pulo achou-se ao lado della.

— A gilidade de inglez tornou Luiza, num Hespanhol altaria por cima delle com os pés attados; — sal-ohiéis tambem? — Será minha recompensa um beijo? — Sim um beijo, e abaixou-se sorrindo, e com sua manta atou-lhe fortemente as pernas. D. Arthus ia applicar as mãos ao banco para pular. — Não, disse a marquezza, não deve ser assim, seria ganhar deslealmente, não deveis servir-vos de vossas mãos. — Pois bem factae-as, disse Arthus.

Ella as tomou com vivacidade, e ligou-as e m solidéz. O mancebo dispunha-se de novo para saltar; choqueté imprevisto o fez cahir: elle levantou os olhos para rir com a marquezza desse sinistro: qué sabita mudança em tuas leções!

Seu rusto estava palido, seus dentes apertados, seus olhos lançavão fogo, seu peito palpitava sua mão convulsa estava annada com um pulsal.

— Milord, disse-lhe em fim com

uma voz em que mil diversas commoções se confundião, jurastes que me não deixariéis se não morrendo, preparai-vos pois para morrer. — Não te julgava tão perfeita no genero tragico, minha linda actora, disse Arthus sorrindo-se, mas com ar inquieto. — Desgraçado! interrompeo ella, não rias, sei de tudo; tu me atraigoeste, quizeste fugir com outra a-manhaa de noite, as escondidas, como um ladrão, como um cobarde, não é assim? ignoro alguma coisa?

D. Arthus atterorisado não sabia o que respondesse.

— E tu te atreveste, continuou ella, a conceber semelhante projecto, não receiaste minha vingança? Tomavas-me por alguma fraca Ingleza, tomavas-me por um brinquedo que se manda deitar fora, quando já tem bastante servido. Oh! meu Deus! como acreditar que elle um dia me havia de tractar assim! Lagrimas de raiva corrião-lhe dos olhos: o terior de D. Arthus tinha subido de ponto, elle se via entregue à mercê de uma mulher delirante de desesperação e de ciúme: fez esforços para levantar-se lançando os olhos em derredor do jardim como quem procurava socorro.... — Queres evitar-me, não é assim? disse a marquezza respondendo a seu olhar e a seu pensamento. E' impossivel! ir ter com a outra? não penes nisso! Tu és meu, és meu. Tu para outra! Não não, nunca!

— Luiza se me amas... disse Arthus com voz supplicante. — Se te amo! julga pelo que faço. — Ella inclinou se por cima delle, applicou-lhe sobre os labios um beijo phrenetico: o Inglez deo um grito. . .

Muitas semanas, continuou D. Rafael, silencio lugubre reinou no palacio de Milar : duas vezes sómente nesse intervalo abriu-se a porta, á noite, para dar entrada a um velho monge confessor da marquezia; em fim um dia virão sahir e dirigir-se para a igreja esse cadaver ainda vivo que tanto vos comoveo, é o que resta de uma das mais bellas senhoras de toda a Hespanha.

O PODER DE CURAR ÁS ALPORCAS.

A ignorancia da idade media attribuiu aos reis de França e Inglaterra o poder de curar as alporcas com o simples toque de seus dedos : não consta com certeza a origem desta pratica supersticiosa; porem alguns escriptores a fazem subir a S. Duarte, rei de Inglaterra e a Clodoveo, de França. O certo é que por alguns seculos durou esta crença extravagante; e eis aqui o modo por que se fazia a cerimonia publica, segundo refere um antigo historiador francez.

“ Nas grandes festas do anno se reunião na corte todos os doentes escrophulosos, que não só das provincias da França, mas de mui remotos paizes estrangeiros, vinhão procurar o remedio a seu mal.

“ Ao passo que vinhão chegando, eraõ visitados pelos primeiros medicos do rei, qua alistavaõ os verdadeiros doentes e despediaõ os fingidos; pois muitos procuravaõ introduzir-se, por causa da esmola que se lhes dava.

“ Chegado o dia da festa, preparava-se o rei para esta devota cerimonia, confessando-se e communicando. Os doentes reuniaõ-se em em uma das maiores salas do palacio onde o rei depois vinha em grande pompa e acompanhado de toda a sua corte. N'um altar para esse fim ali preparado celebrava missa o capellaõ-mor, que todos ouviaõ de joelhos e com as mãos postas, invocando o auxilio de Deos pelo ministerio do rei.

“ Acabada a missa, mettiaõ todos os doentes em uma fileira. Entaõ o rei, tendo á direita o grande chanceller, e á esquerda o esmolõr-mor, chegava á frente de cada doente, ao mesmo tempo que por detraz deste os primeiros medicos e cirurgiões d'el-rei lhe seguravão a cabeça com ambas as mãos, levantando-lh'a para que o rei o podesse tocar mais commodamente.

“ O rei estendia a mão sobre a cabeça do doente, passando-lh'a depois sobre o rosto desde a testa até á barba, e de uma a outra orelha, dizendo ao mesmo tempo — o rei te toca, e Deos te cura; e lançava lhe depois a sua benção.

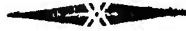
“ O esmolõr-mor dava logo ao doente a esmolã de cinco soldos aos estrangeiros, e de trez soldos aos Francezes; e em quanto os officiaes da corte o faziao retirar para fóra da sala, para que não fosse metter-se em outra parte da fileira afim de receber duas esmolãs, o mordomo-mór apresentava a el-rei

n'uma salva de ouzo uma toalha molhada em vinho e agua, para lavar os dedos com que tocára aquellas molestias immundas.

— Assim continuava a fazer-se até ao ultimo d'ente. Findo este acto de exemplar caridade christãa, retirava-se o rei a jantar, sendo assistido de toda a sua corte.

— Entre os estrangeiros tinham os Hespanhóes sempre o primeiro lugar.

O que o historiador esqueceu de dizer-nos é se os doentes saravaõ; mas cremos nós que o remedio não seria muito efficaz.



A TORRE NEGRA.

Havião apenas alguns minutos que o sol nascente dourava a ponte dos campanarios de Verona, dous manchebos sahírao de uma casa de jogo onde tinham passado a noite inteira a agitar cartas e dados: erão Giulio e Antonio, ambos primos, pertencentes a uma antiga familia. Acrescentarei, para augmentar a exactidão de minha narraçao, que se estava no mez de julho do anno que vio Henrique II parecer n'um torneio.

— Maldição! exclamou Giulio, não me deixarão na algibeira um só sequim, um só miseravel ducado!

— Devias esperar por isso. Sempre assomado, e muito animado por tuas frequentes libações, esquentaste-te consideravelmente á força de

te queres refrescar; e pretendes lutar com especuladores tolineiros cuja posição social é formada pelo jogo.

— Julgas por ventura que estou bebado? Eu não bebi, ou, se bebi, foi quasi nada: aquelle que me disser que eu bebi é um tolo; digo-lhe que mente formalmente, em signal do que lhe lanço a minha luva.

Não havia ninguem na rua, se não um cão sem asylo e sem dono, que gostava sem duvida de passear muito sedo: a luva lhe vouu ao focinho; o quadrupede agarrou com gosto n'este novo projectil. Giulio arranca immediatamente da espada, persegue o cão, alcança-o, fere-o de um golpe mortal e reconquista sua luva.

— Tenho um escrupulo, diz elle um minuto depois; o sangue de um cão, de um animal dos mais vis, manchou a minha espada, que agora é indigna de figurar á cinta de um homem de honra.

E quebra a lamina curiosamente lavrada de sua espada e lança os pedaços d'ella por cima dos muros de um jardim.

— Se vás n'esse andar, meu caro, é preciso que tenhas achado a pedra philosophal. Perdeste esta noite 4000 sequims: quebras agora uma espada que vale cento e cinquenta: não és razoavel.

— Não sou razoavel, replicou Giulio; que quasi não conservava a lucidez de suas ideas; mea caro, olha; vês aquella torre, a do tor-

reão do defunto meu pai; pois tenho alli mais ouro do que imaginas mais do que posso dizer; tenho tanto que me posso fazer rei de Verona, se assim me agradar. Sim dá-me a fantazia de comprar Verona toda: homens, mulheres, creanças, cães, gatos, cavallos, animaes e gente. Aqui, meus subditos, sois meus; pago-vos a dinheiro não apreço; ponde vos de joelhos ante mim quero que me adorem; tenho ouro quero obras primas, imensos palacios! Poetas, á obra, fazei-me cousas sublimes: eu estou acima da lei, acima do Doge, acima do Conselho dos Dez, acima do imperador, estou.

— Estás doido, trez vezes doido archidoido, meu caro. Onde sonhaste tu que tinhas todo o ouro de que tens a bocca cheia? Teu pai era rico, bem o sei; mas o que elle te deixou não justifica o teu dithyrambo.

— Meu pai! Julgas acaso que elle revellou a ninguem o segredo de sua opulencia? Escuta, Antonio: nós somos desde a infancia como dous irmãos, nada temos tido de occulto um para o outro; creio poder confiar em ti. Meu pai me tinha recommendado expressamente que nunca revelasse este mysterio a ninguem: mas tu és outro eu: verás meus thesouros; segue-me.

Cada vez mais exaltado e cedendo ao accesso de ternura que a embriaguez determina em certos cerebros, condazio Giulio seu primo a um desses sombrios e negros pala-

cios, cujas paredes se elevavam a prumo acima das aguas do Adiga, especie de cidadellas onde as discordias sempre renascentes, e muitas vezes ensanguentadas, das republicas italianas forçavão então os nobres a tomarem domicilio. Dirigem-se juntos para uma torre, sobre a qual tinha a idade lançado um crepi sombrio: chamavão-a sómente a *Torre Negra*. Sobem uma escada estreita, tortuosa interminavel; em cima de tudo se acha uma porta guarnecida de chapas de ferro: Giulio introduz uma chave na pesada fechadura: os dous manebos entrão n'um quartinho abobadado que não recebe claridade se não por algumas aberturas engradadas de ferro: corta pelo meio um tabique de espessas laminas de ferro e diante de uma especie de postigo se estende uma pequena plataforma muito pouco elevada.

Giulio se approxima com uma especie de precaução, faz andar uma moia secreta: o tabique se abre e deixa ver um vasto quarto entalhado, é o termo, de moedas de ouro e de barras de ouro.

— Então! tinha ou não tinha eu rasão? Que dizes agora Antonio?

E, tornando a fechar a porta e pegando em seu primo pelo braço, Giulio se preparou a receder. Antonio permanecia como petrificado de pasmo.

— Por quem és diga-me, meu caro como se acunularão em tua casa todos estes thesouros?

— Nada sei: creio que isto re-

monta a algumas gerações : eu não tive conhecimento da existencia des te escondido tesouro por um escripto que , no seu leito de morte , meu pai me entregou fechado com trez obreas.

— Os ladroses poderião arrounar-te.

— Em primeiro lugar deverião tomar conhecimento das localidades. Tu vais ver. Toca com tua espada neste ferrolho que parece dever servir para se abrir o postigo. Acautela-te.

O soalho se entreabriu immediatamente , e deixou ver um sorbido e negro abysmo , no fundo do qual servia o Adiga : laminas agudas dispostas de travéz devião mutilar o desgraçado que cahisse naquelle sorvedouro : era um alcapao que na da deixava que desejár ao conhecedor o mais difficil de satisfazer nesse genero.

— Parece , meu caro prosequio Giulio , que esta engenhosa machina foi feita , por ordem de um de meus antepassados , por um mechanista allemão muito peitito ; tu vêz que nella se sacrificou inteiramente o agradável ao útil. Depois de acabada , receou meu avô que o allemão violasse o segredo do escondido : attrahiu-o aqui sob pretexto de algumas reparações , e o fez cahir no abysmo. Zas ! foi ditto e feito : era alem d'isso , um processo que não autorisava os proprios costumes do tempo.

Antonio nada respondeo : seu olhar estava fixo , frio e sem corria o rosto.

— E' um primor de obra , tornou Giulio com complacencia : vêz agora que o alcapao está fechado , posso bater com o pé sobre elle dançar e pular em cima ; é solido como uma rocha , com tanto que eu não toque n'este ferrolho.

E batia com força sobre o soalho.

Um gesto rapido , como o relampago , — um grito agudo e penetrante . — Antonio se precipitou como louco fora de-se quarto : estava só.

A corrente do rio tinha lançado sobre a arêa , um pouco abaixo de Verona , o cadaver mutilado de Giulio.

Forão apanhados na rua os pedaços de sua espada , havia sangue na calçada , e pôde-se crer com algum fundamento que elle tinha perecido n'uma d'essas contendas tão communs então. Seus bens , passaraõ a Antonio , que tomou posse do palacio os que estimulou sem descanço , porém sem proveito , as diligencias da senhora justiça afim de se descobrirem os assassinos de seu primo.

Dilacerado de remorsos , mais desgraçado com vezes no meio de sua opulencia do que o cego que mendiga seu pão , Antonio arrastrava uma vida miseravel ; casou-se : sua mulher , altiva , caprichosa , tyrannica lhe fez soffrer mil males. No cabo de dous annos , ella lhe prestou , bem contra a sua vontade , um grandissimo serviço ; morreo : deixava-lhe uma filha por nome Bi-

anca. Foi n'esta filha que Antonio concentrou todas as suas afeições; amava-a com a mais fervorosa ternura: ella fazia sua unica felicidade só ella por momentos de senrugava um pouco a fronte carregada do homicida.

Curiosa como uma creança mimosa tinha Bianca reparado nas continuas idas e vindas de seu pai á Torre Negra. Um dia, seguiu-o de longe nas pontas dos pés; olhou atraz da porta entreaberta, e vio-o estar a encher saccoes com ouro que tomava ás mãos cheias no formidavel escondrijo. Tornou a descer. Antonio transportou todos aquelles thezouros para as adegas do palacio; fechou então para sempre as portas do sombrio torreão, e nunca mais se aproximou d'elle. Sua filha guardou o silencio; cresceu e chegou á sua decima-setima primavera. Um mancebo de uma das melhores familias de Verona vio-a, amou-a e lhe agradou: concordou-se no casamento; mas, pouco antes da época aprazada Antonio cada vez mais atormentado, expirou no delirio de uma febre ardente, antes de ter podido dar o nome de genro a Lorenzo della Scalla.

Um anno mais tarde, acabavão Bianca e Lourenzo de ser unidos: as riquezas achadas nas adegas do palacio tinham enchido de espanto a cidade inteira, e forão durante tres mezes o objecto de todas as conversações.

— A proposito deste dinheiro,

dizia Bianca uma manhã a seu esposo acreditarás que eu conheço aqui um lugar onde ha dez vezes mais?

E contou como seguira seu pai á torre, e retracou tudo quanto liha visto.

— A cousa merece confirmação, respondeo Lorenzo, queres que vamos verificar o facto? Não que não sejamos ja bastante ricos; mas meu pai repetia muitas vezes que, para se ter bastante fortuna é mister ter-se muita de mais. Se é nosso todo o ouro que viste, muito tolos seriamos em deixa-lo lá sem lhe tocarmos.

De braço dado, rindo-se como creanças que fogem da escola, saíram ambos a escada da Torre Negra; abrem, não, sem difficuldade a porta cujas molas estavam carcomidas pela ferrujem: e-los no quartinho abobadado. Com uma mão em roda da cintura de sua mulhier que se indireita em seus mimosos pés arregalando os olhos que dilata a curiosidade, Lorenzo carrega com a outra no ferrolho do postigo,

O escondrijo estava vazio. Pôde-se ouvir um estridor semelhante ao de uma ponte levadiça que se abaixasse e se levantasse de repente como por meio de uma mola.

No dia seguinte, estava a cathedra de Verona illuminada e armada de preto; celebravão-se as exequias de Lorenzo e de Bianca: alguns pescadores tinham achado nas aguas do rio seus cadaveres corber-tos de horriveis feridas.

● **SOMNO.**

Entre as muitas mortificações que o orgulho do homem a cada passo encontra, a principal é a ignorancia das causas e effectos communs; defeito tanto mais sensivel, quanto maior é a diligencia que fazemos por desvanecello. Os entendimentos superficiaes confundem ordinariamente o effecto com a causa, e julgão conhecer a fundo a natureza das cousas se alcanção saber qual é a forma dellas e o seu uso; porém o especulador, que se não satisfaz facilmente com idéas vagas, cansa a sua curiosidade, e quando lhe parece ter já descoberto muito, fica então conhecendo quão limitados são os seus conhecimentos.

O somno é um entorpecimento em que se passa boa parte da vida. Não ha animal conhecido cuja existencia não tenha certos intervallos de insensibilidade, e até alguns modernos philosophos estendêrão o imperio do somno ao reino vegetal; porém ainda ninguém atinou com a causa efficiente ou final desta alternativa tao frequente, tão importante, tão geral e necessaria; ainda se não sabe porque força irresistivel ficão por muito tempo o espirito e os membros n'um estado tao parecido com a morte.

Seja qual for a multiplicidade e differença de opiniões sobre este objecto, sempre a natureza tem zombado das theorias. O mais solícito observador não será capaz de conservar os olhos por muito tempo abertos; o disputador mais teimoso é obrigado a lar-

gar a controversia quando sôa a meia noite, e tanto o homem jovial como o triste, o esperto como o tolo, o fallador como o taciturno, o trabalhador como o ocioso, todos cedem áquelle poder benigno, e repousão nos braços do somno.

Tem muitas vezes a philosophia diligenciado reprimir a soberba, insinuando que a todas as dignidades e condições nivela a morte; mas esta idéa, posto que humilhe o homem feliz, não pôde confortar o desgraçado, a quem será mais jucundo o pensar que o somno, assim como a morte, iguala todas as creaturas; lembrando-se, no meio de suas fadigas, de que não dista muito a hora em que o balsamo do repouso se derrame sobre todos os viventes, qualquer que seja a sua idade, sexo ou estado.

Refere-se de Alexandre Magno que, no meio de suas soberbas conquistas e cercado de tanto esplendor, declarára que sómente se recordava de que era homem quando tinha precisão de dormir. Seja o somno necessario ao espirito ou seja necessario ao corpo sempre é evidente documento da fragilidade humana. O corpo que tão frequentemente exige renovação de forças, não dá provas de immortalidade; e o espirito, que se deixa gostosamente cahir na insensibilidade, está mui longe da verdadeira felicidade.

Nada é tao capaz de reprimir as violentas paixões, perturbadoras da paz do mundo, como a recordação de que muitas vezes, sem querer, se desce da mais alta esphera ao mais inferior aba-

limento, de que não poucas deixamos voluntariamente os bens da vida para nos envolvermos nos seus males; e de que n'algumas horas todo o esplendor esmorece a nossos olhos os mais lisongeiros louvores perdem-se para os nossos ouvidos, os sentidos ficão estranhos aos objectos, e a razão permanece inactiva."

Que são pois neste mundo e a que se reduzem todas as esperanças e magnificências que traz com si a cobiça, a ambição e a rapacidade? Deixai que o ambicioso consiga quanto deseja, véreis que nunca chega a estado tal que por um dia e uma noite se repõe satisfeito, sem ter algum intervallo de repouso e esquecimento da vida; ainda quando estivesse na sua mão deixar de dormir.

Miseravel loucura é um homem invejar a fortuna de outro, quando ainda este não está com ella satisfeito. Razão ha para acreditar que as distincções humanas tem mais de apparencia que de realidade, pois que todos em geral se reputão mais cheios de cuidados que de prazeres, e que, tanto o forte como o fraco, tanto o sabio como o ignorante, concordão em um desejo universal, qual é o implorar da natureza o doce nectar do esquecimento.

E' tão forte o appetite que temos de abstrahir-nos de nós mesmos, que bem poucos ficão satisfeitos só com a porção de somno que basta para descanso do corpo e do espirito. O já citado Alexandre juntava a intemperança ao somno, e com os vapores de vinho alliviava o peso do sceptro do mundo: quasi todos tem seu me-

thodo particular para dissuadir as idéas do seu estado presente.

Não é muita a porção de vida que applicamos a nossos deveres, e cada dia deixamos fugir muitas horas sem proveito algum intellectual. Andamos muitas vezes occupados em illusões fantasticas, que seremos pouco depois obrigados a deixar para sempre, sem sabermos em que temos gasto a vida.

Alguns ha que reputão por mais gratos momentos os que passão na solidão, entregues á propria imaginação que ás vezes lhes põe sceptros na mão ou mitras na cabeça, que lhes varia a scena dos prazeres por mil modos, e os deslumbra com fantasticas illusões de bellezas e de regalos. E' facil, sonhando, reunir todas as felicidades possiveis, trans-tornar o curso do sol, fazer reviver o passado e anticipar o futuro, gozar as bellezas das estações todas e as producções de todos os climas. Tudo isto não passará de um lisongeiro sonho, ou transição momentanea das realidades da vida para ficções aereas que mostra a subordinação habitual da razão á imaginação.

Outros ha que receião estar só, e entretém-se em successivas companhias; porém não é a differença consideravel: sonhamos na solidão e tambem na assembléa e o desejado fim de tudo isto é o esquecimento de nós mesmos..... o somno